

Lula e Brizola tentam pacto para afinar discurso



Brizola e Lula: o máximo que se admite, por enquanto, é a defesa de auditorias nos processos de venda

Acordo estabelece limites para discussão em público sobre privatização, a fim de evitar expor divergências

VERA ROSA

O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, e o vice Leonel Brizola (PDT) chegaram a um acordo e estabeleceram limites para a discussão em público da privatização de empresas estatais: na tentativa de fugir das "provações", ninguém na frente de esquerda detalhará propostas sobre o assunto. O máximo que se admite, por enquanto, são as auditorias no processo de venda. Esta foi a fórmula encontrada, na reunião de ontem com representantes dos partidos que dão sustentação à candidatura Lula, para evitar a saia-justa das divergências entre o petista e seu vice.



Brizola recuou, por exemplo, da retórica favorável a "um simples despacho" para a anulação da venda da Companhia Vale do Rio Doce, em caso de vitória da chapa PT-PDT. "Eu tenho uma história e não posso ser diferente desse passado, mas, em nome de um programa para quatro anos de governo, vamos afinar o discurso", afirmou. "Não farei mais comentários sobre a Vale nem sobre nenhuma privatização porque há uma tentativa de nos dividir e muita casca de banana por essas ruas."

O programa de governo que os cinco partidos da frente (PT, PDT, PSB, PC do B e PCB) vão divulgar, no fim da Copa do Mundo, abordará o tema da transferência do controle acionário de estatais para a iniciativa privada, mas o tom será mais ameno. "A nossa proposta é de auditoria em todas as privatizações, com acompanhamento do Ministério Público e, a partir dessa iniciativa, tomaremos as medidas cabíveis na forma da lei", anunciou o presidente do PT, José Dirceu.

Lula deixou claro que a coligação que o apóia é contra a venda do Sistema Telebrás e acha importante uma sindicância para verificar se houve irregularidades na privatização da Vale do Rio Doce. "Primeiro temos de ganhar a eleição e, nesse momento, falar mais do que isso, ou seja, que faremos auditoria, já seria dar um passo além da perna", argumentou.

Marcha à ré – Depois de passar uma semana sem dar entrevistas – por causa da morte de seu amigo Sadao Higushi –, Lula garantiu que retomará suas atividades, com a fiscalização dos atos do governo. E o contra-ataque voltou à cena ontem mesmo. Na sede do PT, em São Paulo, Lula chamou o presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) de "candidato especialista em criar desemprego", disse que o tucano só agiu no combate à seca quando houve saques e protestos contra a tentativa do Planalto de vinculá-lo ao caos.

"O presidente não leva em conta que marcha à ré é o governo dele", resumiu, numa referência às declarações de Fernando Henrique, que, ao insistir na importância da continuidade administrativa, provocou a oposição. Foi no sábado, quando o presidente usou uma frase que sugere o novo slogan de sua campanha: "O Brasil tem rumo e não pode dar marcha à ré".

Sem responder às perguntas sobre suas propostas para a área econômica, Lula tentou justificar por que não é possível antecipar nada: "Economia é uma coisa tão complicada que o Bill Clinton (presidente dos EUA) assegurou que não ia emprestar dinheiro para o sistema financeiro japonês e foi obrigado a mudar de opinião."

O petista qualificou de "sui generis" a pesquisa do Instituto Vox Populi, indicando que Fernando Henrique subiu de 31% para 36%, enquanto sua candidatura parou de crescer: tinha 30% das intenções de voto no início do mês e, doze dias depois, estava com 29%. Lula alegou que foi a primeira consulta realizada sem mencionar uma candidatura do PMDB – ainda não definida e bastante improvável. Mas o único levantamento do Vox Populi que incluiu o PMDB foi o de 2 a 4 deste mês, feito sob encomenda daquele partido.

FRASES

"Estou fazendo uma advertência aos investidores interessados na compra da Telebrás: o leilão vai ser impugnado pelo próximo governo"

Leonel Brizola, em 14 de junho de 1998

"Ninguém com senso de responsabilidade assumiria um compromisso desse (de reestatizar o que foi privatizado)"

Luiz Inácio Lula da Silva, em 3 de agosto de 1997

"No que for estratégico, como é o caso da Vale, pode estar tudo direitinho, mas o Estado vai ter de buscar caminhos para anular"

Brizola, em 16 de junho de 1998

"As privatizações escandalosas terão de passar por auditoria"

Lula, em 20 de março de 1998

"Fernando Henrique está dando de graça o maior patrimônio público deste país, possivelmente para fazer caixa 2 para a campanha eleitoral"

Lula, em 10 de junho de 1998

"Atuaremos dentro de um consenso: nossa meta é a auditoria e depois vamos ver o que fazer"

Brizola, ontem

"Não farei mais comentário sobre a Vale do Rio Doce e sobre nenhuma privatização"

Brizola, ontem

Candidato faz nova insinuação sobre caixa 2

Depois de afirmar, há quase duas semanas, que o presidente Fernando Henrique Cardoso tinha pressa em privatizar o Sistema Telebrás, "possivelmente para fazer caixa 2 para a campanha eleitoral", o petista Luiz Inácio Lula da Silva voltou ontem a acusar seu principal adversário. Desta vez, o alvo foi a reforma da Previdência. "Por que eles não acabam com os fraudadores?", perguntou Lula, para uma

platéia de aposentados. "Porque essas empresas que fraudam a Previdência são as mesmas que sustentam a campanha deles".

Lula e o concorrente a vice em sua chapa, Leonel Brizola (PDT) reuniram-se ontem, no fim da tarde, com representantes de várias entidades que abrigam aposentados, em São Paulo. A candidata do PT ao governo paulista, deputada Marta Su-

plicy, também estava presente. "Esse mesmo governo que diz que dá rumo ao País anistia os fraudadores da Previdência e causa um rombo de R\$ 3,2 bilhões", atacou Lula.

Ele também criticou o governo por não cumprir promessas feitas na campanha de 1994. "Vamos ganhar a eleição com os cinco dedinhos que representavam o que Fernando Henrique se comprometia a fazer, mas não fez", apostou.